

28, 29 e 30
de Outubro



XVI SENPEX

Inclusão e Diversidade Científica:
Democratizando o Conhecimento

OS CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO

Área temática Saúde

**Roberto Junior Correa¹; Sara da Silva Boger²; Adriana Zomer de Moraes³;
Vandrea Vigarani Durigon⁴; Marleide Reis de Araújo Santos Leopoldino⁵;
Janaína Niero Mazon⁶; Cláudio Sérgio da Costa⁷**

¹ Unibave. rostasete@msn.com

² Unibave. saraboger@gmail.com

³ Unibave. adriana.moraes@unibave.net

⁴ Unibave. van.vigarani@unibave.net

⁵ Unibave. marleide.leopoldino@unibave.net

⁶ Unibave. jana.mazon@unibave.net

⁷ Unibave. claudio@unibave.net

Resumo: Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica acerca da formação profissional do psicólogo, destacando sua relação com a psicoterapia na construção da identidade profissional. O estudo teve como objetivos discutir a centralidade da formação clínica nos cursos de Psicologia, analisar a relevância da psicoterapia pessoal e compreender o papel da supervisão nos estágios acadêmicos. A pesquisa foi realizada nas bases Biblioteca Virtual de Saúde e Scielo, considerando publicações entre 2010 e 2022, com descritores relacionados à formação em Psicologia, identidade profissional, psicoterapia e supervisão. Após leitura e seleção de resumos, foram incluídos sete artigos, organizados em três categorias: formação e identidade profissional; centralidade da supervisão; e psicoterapia na formação. Os resultados indicam que a identidade profissional do psicólogo se encontra em constante transformação, exigindo reflexão crítica sobre o predomínio clínico e apontando para a necessidade de maior compromisso social da profissão.

Palavras-chave: psicologia; identidade profissional; psicoterapia; supervisão.

Introdução

A construção da identidade profissional do psicólogo no Brasil é um processo histórico marcado por disputas conceituais, contradições sociais e mudanças institucionais. Desde a criação do primeiro curso superior de Psicologia, em 1953, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a profissão tem buscado responder a demandas sociais, políticas e culturais que acompanham a modernização do país. Segundo Antunes (2012), uma profissão só se consolida quando encontra condições sociais específicas para tanto, e no caso da Psicologia, sua regulamentação em 1962 esteve diretamente ligada à necessidade de atender a projetos de desenvolvimento econômico e social da época.

Ao longo das décadas seguintes, especialmente nos anos 1980, 1990 e 2000, a formação em Psicologia passou a ser questionada por seu caráter predominantemente clínico, frequentemente considerado elitista e distante das demandas sociais (Bock, 1999; Branco, 1998). Críticas enfatizam que a centralidade da prática clínica contribuiu para restringir a atuação do psicólogo, em detrimento de perspectivas mais amplas voltadas para políticas públicas e para a promoção da justiça social (Ferrazza, 2016).

A relevância deste estudo reside justamente na necessidade de refletir sobre esses dilemas. Como aponta Bock (1999, p. 317), é fundamental questionar: *“Quem queremos ser? Que cara queremos dar à nossa profissão? Que inserção social queremos que ela tenha?”*. Tais indagações permanecem atuais, sobretudo diante das pressões que os cursos de Psicologia enfrentam para conciliar tradição clínica e inovação social.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a formação profissional do psicólogo em sua relação com a psicoterapia, entendida como parte constitutiva da identidade profissional. Como objetivos específicos, busca-se: (1) discutir a centralidade da formação clínica nos cursos de Psicologia; (2) refletir sobre a importância da psicoterapia pessoal na formação; e (3) analisar o papel da supervisão nos estágios como eixo estruturante da identidade profissional.

A Psicologia no Brasil: alguns apontamentos

A trajetória da Psicologia no Brasil revela um percurso histórico marcado por tensões entre demandas sociais e o predomínio de modelos importados. Nos anos 1930, em meio a projetos de modernização do país, a Psicologia foi convocada a

contribuir com propostas pedagógicas renovadoras, visando formar um novo perfil de homem adequado aos tempos republicanos. Na década de 1950, com a democratização em curso, consolidou-se como ciência autônoma, especialmente com a tradução de obras estrangeiras que fundamentaram práticas aplicadas nas escolas (Antunes, 2012).

A regulamentação da profissão em 1962 refletiu esse processo. Como observa Antunes (2012, p. 58), a Psicologia se fortaleceu “na medida de sua capacidade de responder às necessidades geradas por um projeto político, econômico e social dirigido pela nova classe dominante”. Entretanto, críticas surgiram desde cedo quanto ao caráter elitista da clínica e à subordinação da Psicologia do trabalho aos interesses do capital (Antunes, 2012).

Com o avanço da redemocratização, na década de 1990, a produção do saber psicológico buscou superar o individualismo, aproximando-se das questões sociais e políticas. O compromisso ético e democrático passou a nortear parte da profissão, com inserção crescente no SUS, no sistema jurídico, em comunidades e movimentos sociais. Essa expansão impactou também os programas de pós-graduação, trazendo novos contornos para os cursos de formação (Bock, 1999; Branco, 1998; Patto, 1987).

A identidade profissional da Psicologia

O debate sobre identidade profissional perpassa a história da Psicologia. Branco (1998) adverte que a sociedade espera do psicólogo um papel de regulador social, o que frequentemente reduz sua atuação à adaptação dos indivíduos ao sistema. Nesse sentido, a Psicologia se torna legitimadora das ideologias dominantes, reforçando estruturas sociais, como já alertava Deleule (1972).

A questão central, portanto, é definir “com o quê” e “com quem” a prática psicológica se compromete (Branco, 1998). Esse posicionamento é essencial para que o psicólogo não se torne refém de demandas mercadológicas, mas reafirme seu compromisso com o ser humano e com a transformação social. Como questiona Bock (1999, p. 317): *“Quem queremos ser? Que inserção social queremos que nossa profissão tenha?”*.

O cenário contemporâneo mostra a coexistência de projetos distintos: de um lado, uma Psicologia comprometida com a justiça social; de outro, a reprodução de modelos ultrapassados centrados na clínica individual. Essa disputa está presente também nos cursos de formação, nos quais práticas reducionistas convivem com

perspectivas críticas que reconhecem a inseparabilidade entre indivíduo e sociedade (Antunes, 2012).

As reformas curriculares dos anos 2000, ao alinhar a formação às políticas públicas, sinalizaram mudanças significativas. As Diretrizes Curriculares aboliram as antigas habilitações, estabelecendo uma formação única e generalista, cujo foco é o psicólogo como pesquisador e agente social (Brasil, 2004a; Lisboa; Barbosa, 2009). Apesar disso, estudos apontam que a identidade profissional continua organizada em torno da centralidade clínica, reforçada por instrumentos tradicionais de avaliação e diagnóstico (Ferrazza, 2016).

Questões sobre a formação do psicólogo

A clínica, campo mais tradicional, foi historicamente hegemônica. Para Patto (1987), sua lógica biomédica promoveu a patologização da subjetividade, limitando o alcance da Psicologia. Branco (1998) destaca que muitos profissionais, quando não atuam em consultórios, têm dificuldade em definir sua identidade, por associarem-na ao local de trabalho. Carvalho (1984) acrescenta que reducionismos conceituais como definir a profissão apenas pelo uso de testes ou técnicas empobrecem o campo.

Pesquisas revelam que acadêmicos iniciantes tendem a idealizar o psicólogo como clínico conhecedor profundo do ser humano, desvinculado das relações sociais (Bueno; Lemos; Tomé, 2004). Para superar essa visão estreita, é necessário estimular nos estudantes uma postura crítica, que os habilite não apenas a repetir o conhecimento, mas a produzi-lo (Carvalho, 1984).

A departamentalização dos cursos também contribui para a fragmentação e para a dificuldade de diálogo interdisciplinar (Branco, 1998). Assim, o desafio é oferecer currículos que articulem teoria e prática, favoreçam a diversidade de abordagens e preparem profissionais para atuar em diferentes contextos. Como observa Bock (1999), toda intervenção é social, mesmo quando individual, e não pode desconsiderar as condições de vida e desigualdades da população.

Kichler e Serralta (2014) ressaltam que a formação deve incluir também o desenvolvimento pessoal do futuro psicólogo, que precisa de maturidade e discernimento para manejar afetos no exercício profissional. Nesse sentido, a supervisão e a psicoterapia pessoal tornam-se ferramentas centrais. A supervisão, conforme Zaslavsky, Nunes e Eizirik (2003), não apenas transmite técnicas, mas implica valores éticos e políticos, ao passo que a psicoterapia auxilia na diferenciação

entre aspectos pessoais e profissionais (Meira; Nunes, 2005). Calligaris (2008) alerta, porém, que a psicoterapia não deve ser reduzida a exigência didática: seu sentido depende da implicação subjetiva e da necessidade real de tratamento.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa que foi realizada é do tipo “pesquisa exploratória”, de acordo com Gil (2002, p. 2), “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.” Podemos dizer que este modelo de pesquisa tem como um de seus objetivos possibilitar reflexões mais amplas referente ao assunto pesquisado (GIL, 2002). Para a Revisão Bibliográfica, foram consultadas três bases de dados: Banco de Teses e Dissertações da Capes (BDTD), Scielo e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS - lilacs). Para a pesquisa foram utilizados três buscadores, são eles:

- 1. A formação dos acadêmicos de Psicologia.
- 2. Identidade profissional dos Psicólogos.
- 3. Psicologia, Psicoterapia, Supervisão.

Para delimitar melhor a pesquisa foi utilizada os seguintes filtros nos sites: texto completo, Idioma Português, assuntos principais (Psicoterapia, TCC, Psicanálise, Psicologia, Psicologia Clínica), recorte temporal, entre os anos de 2010 e 2022. A pesquisa foi realizada dia 04/10/2022, das 20:00 horas às 21:00 horas.

Para pesquisa feita no site BDTD com a combinação (A formação dos acadêmicos de Psicologia) foram encontradas 2 dissertações, quando foi utilizada a combinação (Identidade profissional dos Psicólogos) não foi encontrado nenhuma dissertação, por último ao ser utilizada a combinação (Psicologia, Psicoterapia, Supervisão) não foi encontrado nenhuma dissertação.

Para pesquisa feita no site Scielo com a combinação (A formação dos acadêmicos de Psicologia) foram encontrados 7 artigos, quando foi utilizada a combinação (Identidade profissional dos Psicólogos) foram encontrados 10 artigos, por último ao ser utilizada a combinação (Psicologia, Psicoterapia, Supervisão) não foi encontrado nenhum artigo.

Para pesquisa feita no site BVS (lilacs) com a combinação (A formação dos acadêmicos de Psicologia) foram encontrados 10 artigos, quando foi utilizada a combinação (Identidade profissional dos Psicólogos) foram encontrados 27 artigos,

por último ao ser utilizada a combinação (Psicologia, Psicoterapia, Supervisão) foram encontrados 11 artigos.

Na etapa seguinte, realizada a partir da leitura dos resumos, o critério de seleção utilizado foi a relevância do tema estudado, os caminhos para a formação profissional do Psicólogo, através da análise dos resumos dos artigos. Neste processo alguns trabalhos foram excluídos da análise, inclusive as duas dissertações encontradas porque não debatiam a identidade profissional na sua relação com a formação universitária na sua relação com a clínica. Por fim, foram selecionados sete trabalhos que serão apresentados nos resultados e discussões do presente trabalho.

Resultados e Discussão

Conforme pesquisa realizada, segue os trabalhos que foram selecionados organizados em um quadro, apresentando uma síntese dos seus principais resultados. Após a apresentação do quadro, a análise foi organizada em categorias.

Quadro 1 - Artigos selecionados para análise.

Autor	Ano	Título	Natureza da publicação	Síntese
MAZER, Sheila Maria MELO-SILVA, Lucy Leal	2010	Identidade Profissional do Psicólogo: Uma Revisão da Produção Científica no Brasil	Artigo	Este estudo, objetiva analisar a produção científica brasileira sobre o tema identidade profissional do psicólogo. Os resultados mostram que a identidade do psicólogo é considerada produto de um conjunto integrado de fatores pessoais e profissionais que influenciam no desenvolvimento da carreira. Além disso, estudos enfatizam a necessidade de mudanças no exercício da profissão, dos paradigmas tradicionais centrados no indivíduo para os ancorados em perspectivas mais sociais, em consonância com a realidade brasileira.
YAMAMOTO, Oswaldo Hajime DA ROCHA FALCÃO, Jorge Tarcísio DE SOUSA SEIXAS, Pablo	2011	Quem é o estudante de Psicologia do Brasil?	Artigo	O presente artigo tem por objetivo discutir a tese da elitização do curso de graduação em Psicologia no Brasil. Inicialmente, são delineadas as características sociodemográficas dos estudantes de Psicologia. Em seguida, trata-se da questão da elitização do curso de Psicologia propriamente dita, buscando identificar percursos acadêmicos possíveis. Finalmente, as características sociodemográficas dos estudantes de Psicologia e os dois principais percursos acadêmicos

				delineados pela análise (elitizado e não-elitizado) são retomados e discutidos, em resposta à questão da elitização do curso de Psicologia.
SILVA NETO, Walter Mariano de Faria OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de	2015	Práticas do Supervisor Acadêmico na Formação do Psicólogo: Estudo Bibliométrico	Artigo	Objetivou-se conhecer e mapear a produção científica sobre práticas e experiências de supervisores de estágio acadêmico na formação em Psicologia no Brasil. Verificou-se que a supervisão acadêmica é um momento importante da formação do psicólogo no qual o supervisor exerce papel central quanto à construção da identidade profissional dos estudantes.
SOUSA, Conceição Reis de PADOVANI, Ricardo da Costa	2015	Supervisão em Terapias Cognitivo-Comportamentais: Trilhando outros Caminhos Além do Serviço-Escola	Artigo	O objetivo deste estudo é descrever um modelo de supervisão que prepara psicólogos para desenvolver ações voltadas para prevenção, promoção, proteção e reabilitação em saúde. A orientação teórica deste artigo é da abordagem cognitivo-comportamental, dialogando com as noções de cuidado integral e de trabalho em equipe interprofissional. A oportunidade de descrever esse modelo ampliado de formação de terapeutas cognitivo-comportamentais aponta uma das várias possibilidades de preparação do aluno do curso de Psicologia e indica a necessidade de pesquisas sistemáticas na área.
ANDRADE, Antonio dos Santos et al	2016	Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia	Artigo	A vivência estudantil na universidade é uma questão pouco investigada e discutida, especialmente nos cursos de Psicologia, assim como o sofrimento que pode acompanhá-la, decorrente sobretudo do contato com o sofrimento psíquico de outras pessoas ou os conteúdos acadêmicos mais diretamente relacionados com a subjetividade humana. A partir destes dados, se discute a necessidade urgente de ações, tanto por parte dos gestores universitários quanto das entidades que fiscalizam a formação de psicólogos.
GALINDO, Wedna Cristina Marinho TAMMAN, Bianca Falcão SOUSA, Tamires Brandão de Siqueira	2020	Estratégias Formativas em Serviços-Escola de Psicologia: Revisão Bibliográfica da Produção Científica	Artigo	O artigo apresenta revisão bibliográfica sobre estratégias formativas em serviços-escola de Psicologia. Ainda é expressiva, nas publicações, a presença da área da Psicologia Clínica, com destaque para a prática da psicoterapia. Relatos de procedimentos pedagógicos e produções sobre a relação supervisão-estagiário/a têm a importante função de ampliar o debate sobre projeto político-pedagógico e sua execução na rotina das instituições de ensino e de serviços-escola. Entendemos que a psicanálise tem encontrado mediações para a

				questão que lhe é peculiar de questionar-se sobre a possibilidade de sua transmissão em instituição com regras próprias, como a Universidade. Os relatos de procedimentos explicitam estratégias micropolíticas na relação docente-estudante, supervisor/a-estagiário/a. As questões sobre supervisor/a e/ou supervisão indicam a complexidade de aspectos envolvidos na relação e as especificidades de vivência de cada um dos envolvidos.
PIASSON, Douglas Leite FREITAS, Marta Helena de	2022	Representação Social e Identidade do(a) Profissional de Psicologia no Brasil	Artigo	Esta pesquisa buscou conhecer as concepções de profissionais de psicologia no Brasil em relação à sua identidade profissional e à especificidade da intervenção psicológica, explorando nuances da representação social em torno da sua própria atuação. Os resultados apontam que a identidade profissional das(os) participantes aparece muito associada ao modelo clínico de intervenção, tendo como enfoque o cuidado diante do adoecimento psíquico, ainda que diversos elementos indiquem um gradativo movimento em prol de materializar o compromisso social da profissão no atendimento às demandas emergentes do país.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Formação e identidade profissional

Piasson e Freitas (2022) destacam que, embora a Psicologia esteja entre os cursos mais procurados, ainda há falta de clareza sobre o papel do profissional, tanto entre usuários quanto em equipes multidisciplinares. Essa indefinição reflete, em grande medida, a associação histórica da identidade ao trabalho em consultório (Branco, 1998).

Yamamoto, Rocha Falcão e Seixas (2011) identificam, ainda, traços de elitização no perfil dos estudantes de Psicologia, reforçando a crítica de que a hegemonia clínica atende a um público restrito. Tal elitização se articula ao que Bock (1999) chamou de identidade voltada a um “indivíduo idealizado”, distante das demandas populares.

Outros estudos (Mazer; Melo-Silva, 2010; Bueno; Lemos; Tomé, 2004) mostram que acadêmicos constroem imagens estereotipadas do psicólogo, frequentemente desvinculadas do contexto social. A identidade profissional, segundo

Mazer e Melo-Silva (2010), é fenômeno social em constante construção, resultante da interação entre autopercepção, reconhecimento social e prática concreta.

Assim, observa-se que a formação ainda pouco dialoga com a realidade brasileira, mantendo modelos tradicionais de atuação. O desafio, portanto, é construir uma Psicologia inclusiva, comprometida com as demandas sociais, sem perder de vista sua dimensão clínica, mas superando sua hegemonia.

A centralidade da supervisão na formação

A supervisão aparece como eixo estruturante do processo formativo. Para Silva Neto e Oliveira (2015), é na supervisão que o estudante articula teoria e prática e elabora sua identidade profissional. Zaslavsky, Nunes e Eizirik (2003) reforçam que a supervisão não é apenas espaço técnico, mas de constituição ética e política do ser psicólogo.

Galindo, Tamman e Sousa (2020) observam que o atual modelo de ensino ainda é centrado no docente, limitando a aprendizagem criativa. Propõem, como alternativa, a construção de práticas mais dinâmicas, nas quais supervisores e estudantes compartilham o protagonismo da formação.

Os resultados indicam que a supervisão deve ser compreendida não como terapia nem como aula expositiva, mas como espaço de debate crítico sobre a prática profissional. Nesse processo, o acadêmico aprende não apenas a aplicar teorias, mas a sustentar posições éticas e políticas diante das demandas do trabalho.

Psicoterapia na formação profissional

A psicoterapia pessoal é discutida na literatura como recurso importante, embora controverso. Andrade et al. (2016) apontam que o sofrimento psíquico dos estudantes pode levar à evasão, especialmente no primeiro ano de curso, e que muitas instituições recorrem à recomendação automática de psicoterapia como solução. Contudo, nem todas as angústias têm origem individual, sendo muitas estruturais e coletivas.

Meira e Nunes (2005) destacam que a psicoterapia auxilia na diferenciação entre questões pessoais e profissionais, mas não deve ser confundida com exigência didática. Calligaris (2008) acrescenta que uma terapia puramente didática é “simulação”, pois falta a motivação subjetiva de quem busca tratamento.

Algumas universidades têm desenvolvido alternativas institucionais de apoio. O exemplo do CAEP da USP (Cianflone; Figueiredo; Colares, 2002) mostra a importância de serviços de orientação psicopedagógica, profissional e familiar, além de grupos reflexivos. Tais iniciativas oferecem suporte mais amplo que a psicoterapia individual, contribuindo para a saúde mental e a permanência estudantil.

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como propósito compreender a relevância da psicoterapia pessoal na formação do psicólogo, situando-a no processo mais amplo de construção da identidade profissional. Constatou-se que a psicoterapia pode ser um recurso importante no enfrentamento do sofrimento emocional dos estudantes, mas não deve ser confundida com ferramenta didática obrigatória, pois sua efetividade depende da motivação subjetiva do indivíduo. Assim, trata-se de uma possibilidade complementar, entre outras estratégias de apoio, para lidar com os desafios psíquicos vivenciados ao longo da graduação.

Os resultados também evidenciam que a identidade profissional do psicólogo permanece em constante movimento, definida pela interação entre fatores históricos, sociais e institucionais. Nesse processo, a supervisão se destacou como eixo estruturante da formação, permitindo articular teoria e prática, além de consolidar referenciais éticos e políticos indispensáveis ao exercício profissional.

Como contribuição, o estudo reforça a necessidade de que os cursos de Psicologia ampliem espaços de reflexão crítica sobre a profissão e ofereçam suporte institucional para a saúde mental discente. A pesquisa, entretanto, apresenta como limitação o fato de basear-se exclusivamente em revisão bibliográfica, sem contemplar dados empíricos junto a estudantes e profissionais, o que restringe a análise das práticas efetivamente vivenciadas.

Sugere-se que investigações futuras ampliem a coleta de dados em diferentes contextos universitários, incorporando metodologias qualitativas e quantitativas capazes de mapear percepções e experiências de psicoterapia e supervisão entre acadêmicos. Esse movimento permitirá avançar na compreensão sobre como a formação pode favorecer psicólogos mais críticos, reflexivos e comprometidos com as demandas sociais brasileiras.

Referências

- ANDRADE, Antonio dos Santos et al. Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 36, p. 831-846, 2016.
- ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 32, p. 44-65, 2012.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. *Estudos de Psicologia (Natal)*, Natal, v. 4, p. 315-329, 1999.
- BRANCO, Maria Teresa Castelo. Que profissional queremos formar? *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 18, p. 28-35, 1998.
- BUENO, José Maurício Haas; LEMOS, Caioá Geraiges de; TOMÉ, Fátima Aparecida M. F. Interesses profissionais de um grupo de estudantes de psicologia e suas relações com inteligência e personalidade. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, p. 271-278, 2004.
- CALLIGARIS, Contardo. *Cartas a um jovem terapeuta*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- CARVALHO, Ana Maria Almeida. Atuação psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 4, p. 7-9, 1984.
- CIANFLONE, Ana Raquel L.; FIGUEIREDO, José Fernando C.; COLARES, Maria de Fátima A. O Centro de Apoio Educacional e Psicológico (CAEP) da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP): história e perspectivas. *Medicina (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 35, n. 3, p. 392-396, 2002.
- DELEULE, Didier; SPINELLI, Diana. *La psicología, mito científico*. Barcelona: Anagrama, 1972.
- FERRAZZA, Daniele Andrade. Psicologia e políticas públicas: desafios para superação de práticas normativas / Psychology and public policies: challenges to overcoming normative practices. *Revista Polis e Psique*, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 36-58, 2016.
- GALINDO, Wedna Cristina Marinho; TAMMAN, Bianca Falcão; SOUSA, Tamires Brandão de Siqueira. Estratégias formativas em serviços-escola de Psicologia: revisão bibliográfica da produção científica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 40, 2020.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KICHLER, Giselda Faes; SERRALTA, Fernanda Barcellos. As implicações da psicoterapia pessoal na formação em psicologia. *Psico*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 55-64, 2014.

LISBOA, Felipe Stephan; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 29, p. 718-737, 2009.

MAZER, Sheila Maria; MELO-SILVA, Lucy Leal. Identidade profissional do psicólogo: uma revisão da produção científica no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 30, p. 276-295, 2010.

MEIRA, Cláudia Hyala Mansilha Grupe; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Psicologia clínica, psicoterapia e o estudante de psicologia. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 15, n. 32, p. 339-343, 2005.

PATTO, Maria Helena Souza. *Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar*. 1. reimp. São Paulo: TA Queiroz Editor, 1987.

PIASSON, Douglas Leite; FREITAS, Marta Helena de. Representação social e identidade do(a) profissional de Psicologia no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 42, 2022.

SILVA NETO, Walter Mariano de Faria; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de. Práticas do supervisor acadêmico na formação do psicólogo: estudo bibliométrico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 35, p. 1042-1058, 2015.

SOUSA, Conceição Reis de; PADOVANI, Ricardo da Costa. Supervisão em terapias cognitivo-comportamentais: trilhando outros caminhos além do serviço-escola. *Psico-USF*, Itatiba, v. 20, p. 461-470, 2015.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime; ROCHA FALCÃO, Jorge Tarcísio; SEIXAS, Pablo de Sousa. Quem é o estudante de psicologia do Brasil? *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, Itatiba, v. 10, n. 3, p. 209-232, 2011.

ZASLAVSKY, Jacó; NUNES, Maria Lúcia Tiellet; EIZIRIK, Cláudio Laks. A supervisão psicanalítica: revisão e uma proposta de sistematização. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 25, p. 297-309, 2003.